

o que é
missão integral?

C. RENÉ PADILLA

o que é
missão integral?

TRADUZIDO POR WAGNER GUIMARÃES



Editora Ultmato
Viçosa, MG

O QUE É MISSÃO INTEGRAL?
Categoria: Igreja / Missão / Liderança

Copyright © 2009, Ediciones Kairós
Publicado originalmente por Ediciones Kairós,
Buenos Aires, Argentina
Título original em espanhol: *¿Qué es la misión integral?*

Primeira edição: Setembro de 2009
Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro
Tradução: Wagner Guimarães
Revisão: Paula Mazzini Mendes
Diagramação: João Jacob
Capa: Ale Gustavo

Ficha Catalográfica Preparada pela Seção de Catalogação
e Classificação da Biblioteca Central da UFV

R399q
2009

René Padilla, C.

O que é missão integral? / C. René Padilla. – Viçosa,
MG : Ultimato, 2009.

136p. ; 21cm.

ISBN 978-85-7779-031-9

1. Vida cristã. 2. Evangelização. 3. Cristãos - Conduta.
4. Missão da igreja. I. Título.

CDD. 22.ed. 248.4

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

EDITORA ULTIMATO LTDA
Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa, MG
Telefone: 31 3611-8500
Fax: 31 3891-1557
www.ultimato.com.br

Sumário

<i>Sugestões para o uso do guia de atividades</i>	7
<i>Prefácio</i>	9
1. Missão integral e missão transcultural	13
2. Para que serve a teologia?	25
3. A Grande Comissão	31
4. Missão e compromisso social	37
5. Compromisso cristão e consciência social	45
6. Testemunho cristão: palavra e ação	51
7. Comunidade e missão	57
8. Missão e oração política e escatológica	63
9. A missão do reino de Deus	69
10. Luz do mundo, sal da terra	75
11. Sinais do reino de Deus	81
12. O sonho por um mundo de justiça	87
13. Evangelho e justiça social	93
14. O lugar da justiça na missão	99
15. A missão cristã: persuasão, não coerção	105
16. Missão e sofrimento	111
17. Missão integral e pregação	117
18. Missão e plenitude de vida	123
19. Missão integral: evangélica e ecumênica	129

Sugestões para o uso do guia de atividades

OS GUIAS DE reflexão e diálogo no final de cada capítulo são os mesmos usados no programa de discipulado da Igreja Evangélica Batista da Constituição, em Buenos Aires. Esta igreja, membro da Rede do Caminho, compartilha seus materiais com o propósito de somá-los aos esforços de toda a rede para difundir o evangelho integral de Jesus Cristo.

A partir deste guia é possível resgatar as ideias centrais de cada capítulo e realizar quadros sinóticos ou redes conceituais que facilitam o estudo e o diálogo no grupo.

Incluimos uma série de propostas didáticas com o objetivo de enriquecer o estudo dos temas apresentados. Elas estão divididas em duas partes. A primeira é um chamado a reflexão em grupo a partir de poemas, citações e canções de conteúdo variado, mas sempre vinculado à temática do capítulo. Estes recursos nem sempre refletem o pensamento dos autores do guia. No entanto, nos ajudam a sentir e a pensar com base no que reivindicam ou propõem. Encorajamos o leitor a observar, aquietar-se e, se sentir-se motivado, orar.

Use a imaginação nesta parte. É possível, por exemplo, cantar as canções ou ouvi-las. Talvez algum integrante do grupo se anime a ler a poesia enquanto os demais ouvem atentamente.

A segunda parte é um convite ao diálogo a partir das perguntas propostas. Outras perguntas do grupo também podem ser usadas. Encorajamos você a realizar as atividades sugeridas e a abordar de maneira pontual os temas vinculados ao capítulo, já que vários capítulos têm conteúdos similares, ainda que com ênfases distintas. Você verá que na segunda parte há uma forte ênfase na troca de experiências.

Convencidos de que o Senhor habita no meio do seu povo, o incentivamos a desenvolver estudos participativos em que possa compartilhar suas impressões, corrigir os erros e encorajar-se a seguir a Jesus como indivíduo e como parte de sua igreja. Todos os estudos têm uma ênfase bíblica. Será de vital importância que os professores se preparem e ofereçam ao grupo as ferramentas necessárias. O objetivo destes estudos é facilitar a consciência e a prática do amor em nossas igrejas e comunidades.

Deus o abençoe.

CLAUDIA LORENA JUÁREZ

JUAN JOSÉ BARREDA TOSCANO

Prefácio

MEUS LEITORES saberão desculpar-me por começar afirmando que quase todos estes escritos são, por assim dizer, *escritos de trincheira*. Mesmo que um ou outro seja resultado de uma cuidadosa pesquisa sobre o tema, quase todos surgiram no calor das circunstâncias, em resposta às exigências do momento, sem muito tempo para o trabalho acadêmico. Naturalmente, isto tem suas vantagens e desvantagens. A maior vantagem é que o que alguém escreve assim é mais simples e espontâneo – e reflete melhor a interação com a realidade que o rodeia. A maior desvantagem é que há o risco de improvisação e generalizações. O leitor tem a liberdade de julgar até onde o autor soube aproveitar essa vantagem e evitar essa desvantagem.

Com exceção do primeiro capítulo, os demais foram inicialmente escritos como editoriais da revista *Iglesia y Misión* (antes *Misión*). Depois, vários deles apareceram em 1994 em uma publicação da Visão Mundial e em seguida em *Discipulado y Misión – compromiso con el reino de Dios*, obra publicada pelas Edições Kairós em 1997. A primeira

edição de *O Que É Missão Integral?*, em espanhol, foi lançada em 2006, e a segunda, no começo deste ano.

Alegra-me que a Editora Ultimato publique agora esta coleção em português. Meu desejo é que os modestos ensaios que a compõem recebam no mundo de língua portuguesa um acolhimento similar ao que recebeu ao longo dos anos na hispano-américa – um acolhimento que foi muito além das expectativas do autor. Com efeito, ainda que todos reflitam as circunstâncias do momento em que foram escritos, nada do que escrevi parece ter sido tão usado em grupos de reflexão, igrejas e até instituições de educação teológica como estes ensaios. Continuo crendo que a única explicação para isto é que a leitura deles não requer muito tempo: são breves, diretos e não desperdiçam palavras – é o tipo de leitura para pessoas ocupadas. Cada breve ensaio é acompanhado de um guia de atividades para diálogo e estudo em grupo, desenvolvido por Claudia Lorena Juárez e Juan José Barrera Toscano, aos quais agradeço de coração por seu dedicado trabalho.

Nestes últimos anos, a causa da missão integral se expandiu de modo admirável, tanto na América Latina como ao redor do mundo, especialmente nos países em desenvolvimento. Exemplos dessa expansão são a Rede Miqueias, a Rede do Caminho para a Missão Integral na América Latina e o Centro Latinoamericano de Missão Integral, entidades das quais tenho a honra de ter sido um dos gestores. Certamente, ainda há muito a fazer para que a maioria das igrejas locais, por toda parte, se comprometa com a transformação do mundo a partir do evangelho de Jesus Cristo. No entanto, devemos agradecer a Deus pelos avanços obtidos até o momento, tanto na teoria como na

prática da missão integral. Se este livro contribuir para que a causa da missão integral – a causa da missão do reino de Deus e sua justiça – se estenda e se aprofunde ainda mais, nos daremos por satisfeitos.

C. RENÉ PADILLA

Buenos Aires, agosto de 2009

1.

Missão integral e missão transcultural

EMBORA A EXPRESSÃO “missão integral” esteja na moda, o modelo de missão que ela representa não é recente. Com efeito, a prática da missão integral remonta a Jesus Cristo e à igreja do primeiro século. Além disso, cabe destacar que, atualmente, há um crescente número de igrejas que a praticam sem necessariamente usar a expressão para referir-se ao que estão fazendo: “missão integral” não faz parte do seu vocabulário. E é óbvio que a prática da missão integral é muito mais importante que o uso deste conceito para referir-se a ela.

A expressão “missão integral” foi gerada principalmente no seio da Fraternidade Teológica Latino-Americana há mais ou menos duas décadas. Ela foi, na realidade, uma tentativa de destacar a importância de conceber a missão da igreja dentro de um marco de referência teológico mais bíblico que o “tradicional”, ou seja, o que se havia instalado nos círculos evangélicos, especialmente por influência do

movimento missionário moderno. Nos últimos anos, tem se difundido de tal modo que a tradução literal da expressão para o inglês, *integral mission*, está incorporando-se, pouco a pouco, ao vocabulário daqueles que, fora do âmbito dos evangélicos de fala espanhola, defendem uma aproximação mais holística à missão cristã.

Em que consiste esta aproximação? O que a distingue da tradicional?

A aproximação tradicional

Na aproximação tradicional, que tomou forma no movimento missionário moderno especialmente a partir do final do século 18, se concebia a missão essencialmente em termos geográficos: era quase sempre um cruzamento de *fronteiras geográficas* com o propósito de levar o evangelho do “mundo ocidental e cristão” para os “campos missionários” do mundo não-cristão (os países pagãos). Em outras palavras, falar de *missão* era falar de *missão transcultural*.

O propósito da missão era “salvar almas” e “plantar igrejas”, principalmente no exterior, mediante a proclamação do evangelho. Os agentes da missão eram primeiramente os “missionários”, a maioria deles filiada a sociedades missionárias, que podiam ser denominacionais ou interdenominacionais (“missões de fé”). Os requisitos para os missionários variavam, mas certamente o primeiro deles (exceto, obviamente, a experiência de conversão a Jesus Cristo) era se sentir, geralmente em nível individual, “chamado por Deus para o campo missionário”. Quase sempre se concebia a resposta ao chamado de Deus para a missão – assim como o chamado ao pastorado – como a máxima entrega que um cristão poderia

fazer ao serviço de Deus, mas, de nenhuma maneira, como algo que se esperaria de todos os cristãos.

Que função cumpria a igreja local dentro deste esquema? Com exceção das poucas igrejas (especialmente nos círculos dos “irmãos livres”) que enviavam missionários sem a mediação de sociedades missionárias, o papel da igreja local se reduzia a prover pessoas para a missão e dar o apoio espiritual e econômico. A capacitação dos missionários, inclusive, era delegada pela igreja local às instituições especializadas no tema.

No entanto, cabe destacar que, com todas as suas deficiências, este conceito de missão que prevalece no movimento missionário moderno inspirou (e em muitos casos segue inspirando) milhares de missionários transculturais a fazer o que séculos antes fizera Abraão: deixar sua terra e sua parentela e ir para a terra que Deus lhe havia mostrado. Eles fizeram isso para difundir as boas novas da salvação em Jesus Cristo e assim escreveram muitas das mais belas páginas da história da Igreja. Graças ao trabalho destes missionários tradicionais – verdadeiros “heróis da fé”, muitos dos quais derramaram seu sangue por causa de Jesus Cristo –, hoje a Igreja é um movimento de alcance mundial, com congregações em praticamente todas as nações da terra. Glória a Deus!

Por outro lado, é preciso reconhecer que a identificação da missão da igreja com a missão transcultural deu lugar a

O papel da igreja local se reduzia a prover pessoas para a missão e dar o apoio espiritual e econômico

pelo menos quatro dicotomias que têm afetado a igreja negativamente:

1. A dicotomia entre igrejas que *enviam* missionários (a maioria situada no “mundo ocidental e cristão”) e igrejas que *recebem* missionários (quase exclusivamente nos países do “Mundo dos Dois Terços”: Ásia, África e América Latina). Isto está mudando graças ao crescente número de missionários transculturais enviados de fora do Ocidente (ou da periferia do Ocidente, no caso de América Latina). No entanto, é preciso reconhecer que, há pouco tempo, a “missão” (transcultural) era a que geralmente se fazia com base nos países da Europa (como, por exemplo, Inglaterra, Escócia, Alemanha, Suíça, Holanda, Suécia e Noruega), nos Estados Unidos, na Austrália e na Nova Zelândia. O movimento missionário transcultural com base na Ásia, na África ou na América Latina é relativamente novo.

2. A dicotomia entre o *lar* (*home*), situado em algum país do “mundo ocidental e cristão”, e o *campo missionário* (*mission field*), situado em algum país pagão. Não surpreende que a maioria dos “missionários de carreira” (às vezes com muitos anos de serviço) opte por viver sua aposentadoria em sua terra natal.

3. A dicotomia entre *missionários*, chamados por Deus a servi-lo, e *cristãos comuns*, que podiam desfrutar dos benefícios da salvação, mas estavam excluídos de participar do que Deus quer fazer no mundo. Atrevo-me a sugerir que a dicotomia entre “clérigos” (incluindo missionários e pastores) e “leigos” está na raiz do problema de muitos cristãos “domingueiros” que fazem parte do povo evangélico.

4. A dicotomia entre a *vida* e a *missão* da igreja. Se, para que a igreja fosse “missionária” bastasse enviar e apoiar alguns de seus membros para que se ocupassem da missão, algumas igrejas não teriam nenhum impacto significativo em sua vizinhança: a vida se desenvolveria na situação local (*at home*), mas a missão em outro lugar, preferencialmente no exterior (*the mission field*).

Todas estas dicotomias se originavam da redução da missão a um esforço missionário transcultural. Como consequência delas, a missão consistia primordialmente na tarefa de evangelização que realizavam os missionários enviados pelos países cristãos aos campos missionários do mundo, onde cumpriam representativa ou vicariamente — por assim dizer — a tarefa missionária de toda a igreja.

Um novo paradigma para a missão

A partir da perspectiva da missão integral, a missão transcultural por si só não engloba o sentido total da missão da igreja. A missão pode ou não envolver o cruzamento de fronteiras geográficas; porém, em qualquer caso, envolve primordialmente o cruzamento da fronteira entre o que é fé e o que não é, seja na terra natal (*at home*) ou no exterior (no “campo missionário”), em função do testemunho acerca de Jesus Cristo como Senhor da vida como um todo e de toda a criação. Cada geração de cristãos em todos os lugares recebe o poder do Espírito que torna possível o testemunho do evangelho “tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra” (At 1.8). Em outras palavras, cada igreja, onde quer que esteja, é chamada a participar na missão de Deus — uma missão que tem um

alcance local, um alcance regional e um alcance mundial —, começando em sua própria “Jerusalém”. Para cruzar a fronteira entre *o que é fé e o que não é* não é necessário cruzar fronteiras geográficas: o fator geográfico é secundário. O

A igreja que não se compromete com a missão de testificar acerca de Jesus Cristo, para assim cruzar a fronteira entre o que é fé e o que não é, deixa de ser igreja

compromisso com a missão está na própria essência de ser igreja; portanto, a igreja que não se compromete com a missão de testificar acerca de Jesus Cristo, para assim cruzar a fronteira entre o que é fé e o que não é, deixa de ser igreja e se transforma em um clube religioso, um mero grupo de amigos ou

uma agência de bem-estar social.

Quando a igreja se compromete com a missão integral e se propõe a comunicar o evangelho mediante tudo o que *é, faz e diz*, ela entende que seu propósito não é chegar a ser grande numericamente, ou rica materialmente, ou poderosa politicamente. Seu propósito é encarnar os valores do reino de Deus e testificar do amor e da justiça revelados em Jesus Cristo, no poder do Espírito, em função da transformação da vida humana em todas as suas dimensões, tanto em âmbito pessoal como em âmbito comunitário.

O cumprimento deste propósito pressupõe que todos os membros da igreja, sem exceção, simplesmente por haverem sido integrados ao Corpo de Cristo, recebem dons e ministérios para o exercício de seu sacerdócio, ao qual foram “ordenados” mediante o batismo. A missão não é

responsabilidade e privilégio de um pequeno grupo de fiéis que se sentem *chamados* ao campo missionário (geralmente no exterior), mas sim de todos os membros, já que todos são membros do sacerdócio real e, como tais, foram chamados por Deus “a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1Pe 2.9) onde quer que se encontrem. Como bem diz Brian McLaren:

Para Cristo, seus “chamados” (que na realidade é o que significa “igreja”) seriam também seus “enviados” [ou missionários]... Segundo esta visão da igreja, não recrutamos pessoas para que sejam clientes de nossos produtos ou consumidores de nossos programas religiosos; nós as recrutamos para que sejam colegas em nossa missão. A igreja não existe para satisfazer às demandas de crentes consumidores; ela existe para equipar e mobilizar homens e mulheres para a missão de Deus no mundo.

De acordo com o que foi dito, qual é o papel da igreja local em relação à missão? Lembrando as palavras de McLaren: “Equipar e mobilizar homens e mulheres para a missão de Deus no mundo”

– não exclusivamente no “templo”, que pode ou não existir, mas sim *em todos os campos de ação humana*: em casa, na empresa, no hospital, na universidade, no escritório, na oficina... Enfim, em todo lugar, já que não há lugar que esteja fora da soberania de Jesus Cristo.

**A igreja existe
para equipar e
mobilizar
homens e
mulheres para a
missão de Deus
no mundo**

Concebido nestes termos, este “novo paradigma para a missão” não é tão novo: é, na verdade, a recuperação

do conceito bíblico da missão, já que, de fato, a missão é fiel ao ensinamento das Escrituras na medida em que se coloca a serviço do reino de Deus e sua justiça. Conseqüentemente, ela focaliza o cruzamento da fronteira entre o que é fé e o que não é, não somente em termos geográficos, mas também em termos culturais, ét-

**Pelo menos em
princípio,
todas as igrejas
enviam e todas
as igrejas
recebem**

nicos, sociais, econômicos e políticos com o fim de transformar a vida em todas as suas dimensões, segundo o propósito de Deus, de modo que todas as pessoas e comunidades humanas experimentem a vida abundante que Cristo lhes oferece. Assim, a missão integral resolve da seguinte

maneira as dicotomias mencionadas anteriormente:

1. Pelo menos em princípio, *todas as igrejas enviam e todas as igrejas recebem*. Em outras palavras, todas as igrejas têm algo a ensinar e algo a aprender com outras igrejas. O caminho que a missão segue não é de mão única — não vai dos países “cristãos” para os “pagãos” — é uma via de mão dupla. Um exemplo disto é o movimento missionário com base nos países do hemisfério sul, que hoje envia um número crescente de missionários transculturais inclusive a países do hemisfério norte.

2. *O mundo todo é um “campo missionário” e cada necessidade humana é uma oportunidade de ação missionária*. A igreja local é chamada a manifestar o reino de Deus em meio aos reinos do mundo não só pelo que *diz*, mas também pelo que *é* e por tudo o que *faz* em resposta às necessidades

humanas que a rodeiam. Francisco de Assis tinha razão quando, ao enviar seus discípulos para proclamar o evangelho, lhes exortou a proclamá-lo por todos os meios ao seu alcance e que, se fosse realmente necessário, também usassem palavras. A proclamação do evangelho inclui tudo o que fazemos movidos pelo Espírito de Jesus, pois, “vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor” (Mt 9.36).

3. *Todo cristão é chamado a seguir a Jesus Cristo e a comprometer-se com a missão de Deus no mundo.* Os benefícios da salvação são inseparáveis de um estilo de vida missionário e isto implica, entre outras coisas, o exercício do sacerdócio universal dos crentes em todas as esferas da vida humana segundo os dons e ministérios que o Espírito de Deus outorgou livremente a seu povo. A tarefa dos “pastores e mestres” é o “aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo” (Ef 4.12).

4. *A vida cristã em todas as suas dimensões, em nível pessoal e comunitário, é o testemunho primordial da soberania universal de Jesus*

Cristo e do poder transformador do Espírito Santo. A missão vai muito além das palavras: tem a ver com a qualidade de vida — ela se demonstra na vida que restaura o propósito original de Deus para a relação do ser humano com o Criador, com o próximo e com a criação.

Concluindo, a missão integral é o meio designado por Deus para cumprir na história, por meio da igreja e no

**Todo cristão é
chamado a
seguir a Jesus
Cristo e a
comprometer-se
com a missão
de Deus
no mundo**

poder do Espírito, seu propósito de amor e justiça revelado em Jesus Cristo.

Para refletir

Jesus ficou o ano todo trancado em um armário.

Hoje o tiraram porque está chegando o Natal; passaram nele o espanador, o lavaram, o enfeitaram e cobriram seu corpo com papéis coloridos.

Puseram-no na árvore com estrelas e velas entre guirlandas e neve feitas com fibra de vidro.

Agora que a família se distrai com o álcool, Jesus desce da árvore e escapa pela janela!

Corre, Jesus, corre, para as pessoas não te alcançarem!

Que não te aconteça o que já te aconteceu!

Jesus escapa do templo onde o sacerdote o mantém preso e o vendedor de Bíblias o oferece em doze parcelas...

Jesus escapa das senhoras que só fazem pedidos, dos senhores que se lembram dele somente na igreja, da tristeza do trabalhador, do tédio do patrão, dos gordos... de barba de algodão que distribuem idiotices e nozes, dos falsos profetas que acalmam a consciência dos ladrões nos salões, dos chorões que o crucificam a cada ano.

Jesus escapa pela estrada em busca de uma nova Maria, para refugiar-se em seu seio e se salvar desta sociedade medíocre!

Corre, Jesus, corre, para as pessoas não te alcançarem!

Que não te aconteça o que já te aconteceu!

[Trecho de “Corre, Jesus, corre”, Facundo Cabral, CD *Pateando Tachos*]

Para discutir

1. Faça um quadro comparativo em duas colunas sobre as quatro dicotomias que afetaram negativamente a missão da igreja e as propostas de solução apresentadas pelo autor. Acrescente outras dicotomias.

2. Leia a frase de Brian McLaren:

Segundo esta visão da igreja, não recrutamos pessoas para que sejam clientes de nossos produtos ou consumidores de nossos programas religiosos; nós as recrutamos para que sejam colegas em nossa missão. A igreja não existe para satisfazer às demandas de crentes consumidores; ela existe para equipar e mobilizar homens e mulheres para a missão de Deus no mundo.

a) Como você descreveria o “cristianismo de consumo”?

b) O que precisamos fazer para deixar de ser cristãos que vivem um “cristianismo de consumo” ou para ajudar aqueles que vivem assim? Por que as pessoas optam por um cristianismo deste tipo?

c) Faça uma lista com as prioridades da missão cristã no mundo de hoje. Observe-as sob a ótica de cristãos comprometidos com o reino de Deus.

3. Leia Mateus 25.24-44 e discuta:

a) Qual é a temática abordada por esta passagem? (As passagens anteriores ajudarão a encontrá-la.)

b) Faça uma lista das pessoas com as quais Jesus se identifica neste relato. Depois, observe o lugar social que estas pessoas ocuparam em seu mundo.

c) Segundo Jesus, qual é o critério pelo qual serão julgados aqueles que dizem ser seus seguidores? Que lugar a perspectiva de missão e serviço que Jesus nos transmite aqui ocupa em nossas igrejas?